

DANÇA  
7, 8 ABRIL 2017

# TÔZAI!...

de Emmanuelle Huynh

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Conceito e coreografia** Emmanuelle Huynh **Colaboração e assistência** Pascal Queneau **Sonografia** Matthieu Doze **Luzes** Sylvie Garot **Dispositivo cénico** Jocelyn Cottencin **Recursos** Isabelle Launay **Colaborador na pesquisa no Japão** Patrick De Vos **Direção técnica** Ludovic Rivière e Virginie Galas **Figurinos** Elisabeth Tensorer et Jocelyn Cottencin **Construção e interpretação** Katerina Andreou, Jérôme Andrieu, Bryan Campbell, Volmir Cordeiro, Madeleine Fournier e Emmanuelle Huynh **Bailarinas associadas ao trabalho** Lisa Miramond e Sonia Garcia **Produção** Plateforme Mûa **Difusão** Fanny Virelizier **Administração** Marine Poncet **Coprodução** Centre national de danse contemporaine – Angers, L’apostrophe – scène nationale de Cergy-Pontoise et du Val d’Oise, Théâtre Garonne – scène européenne – Toulouse, Le Théâtre scène nationale de Saint-Nazaire, le Manège de Reims, Le Musée de la Danse / Centre chorégraphique National de Rennes et de Bretagne, le Centre Chorégraphique National de Caen / Basse Normandie dans le cadre de l’Accueil studio, le Centre Chorégraphique National de Grenoble dans le cadre de l’Accueil Studio 2014, le Centre chorégraphique national Montpellier Languedoc-Roussillon – programme de résidences **Apoio** l’Ambassade de France / Institut français du Japon, Collectif Danse Rennes Métropole e Arcadi Île-de-France · A Plateforme Mûa é subsidiada pelo Ministère de la Culture et de la Communication, na qualidade de companhia de dança de impacto nacional e internacional **Estreia** 2 de outubro de 2014, Théâtre Garonne, Toulouse

A apresentação de *Tôzai!...* na Culturgest tem o apoio do Institut Français du Portugal / Embassade de France au Portugal no âmbito do foco sobre a criação contemporânea francesa em 2017.

No dia 7, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

**Sex 7, sáb 8 de abril**

**21h30 · Grande Auditório · Duração: 56 min · M12**

Revelação e abertura de cortinas e depois o grito «Tôzaiiii...»: é assim que começam os espetáculos de *bunkaru*, no Japão. Emmanuelle Huynh retém, desta tradição teatral japonesa que data do século XVII, a atenção, a ritualização do momento de expectativa que precede a subida da cortina, o primeiro movimento. A coreógrafa explora a gestualidade da preparação, a génese do movimento, essa dança escondida nas dobras da cortina que é encarnada pelos seis intérpretes de *Tôzai!...* Os corpos expressam a excitação, a espera que passa do frenesim das danças livres de Joséphine Baker ao controlo e à precisão ordenada da tradição, dobrando-se e desdobrando-se e desenvolvendo gestos vindos de longe, de há muito tempo, ou ainda por vir.

*As apresentações de Tôzai!... são dedicadas pela companhia à memória de Ko Murobushi.*

## O antes das coisas

Na minha primeira peça, *Muà*, debrucei-me sobre o que há antes de um acontecimento, o que está na sua origem. Passados 18 anos, esta questão volta a interessar-me.

No espetáculo, sempre gostei do momento que precede o evento: o baixar das luzes, o subir do pano. É o momento, o ritual, que anuncia: “vai começar”. E que permite o recolhimento interior que faz que cada um se torne espectador.

Na Europa, cortinas de ferro, grandes reposteiros vermelhos, dourados ou

negros, veludos, tecidos, pernas, ciclo-rama, pinturas sobre tela, ocupam-se desse momento, realizam-no.

Nós, espectadores, assistimos, em cada representação, a este processo a que já verdadeiramente não prestamos atenção, como se, anunciando a importância de algo que vai acontecer, não tivesse em si importância, se apagasse, fosse o apagamento.

Gostaria de voltar a este momento e fazer dele o centro deste trabalho. Devolver-lhe o valor de acontecimento em si.

Ter frequentado o teatro japonês clássico reforçou o meu interesse por esta atividade de apagamento/revelação. No *Bunraku*, há muitas vezes uma primeira cortina cerimonial pesada, junto da coxia por onde o público entra. Desaparece verticalmente a partir das varas da teia. Deixa ver uma cortina listrada de verde, preto ou vermelho, que desaparece por sua vez. Em seguida, aparece uma cortina preta, enquanto um aderecista, ele próprio velado, vem apresentar a peça que vai ser representada. Quando ele sai gritando um prolongado “Tôzaiiiiiiii...” (“de Oriente a Ocidente”...), que se ouve ressoar nos bastidores, a cortina preta é removida por um corpo enrolado no próprio tecido. A silhueta que corre é bem perceptível neste derradeiro movimento horizontal. Por vezes, conforme a trama da peça, uma cortina azul celeste, que se chama *Asagimaku* e esconde a preparação de um cenário, é largada subitamente da teia de forma a obter-se um efeito de surpresa e de aceleração da narrativa.

Há nisto uma verdadeira coreografia vertical e horizontal, tanto de revelação como de encobrimento. O teatro é uma máquina de ver e a cortina é a sua pálpebra. O teatro encena o ato de ver tanto quanto constrói imagens. A cortina dobra, corta, separa, permite a elipse, a formação da imagem, do sentido, a sua transformação. Da mesma forma que o bater das pálpebras e o sono permitem continuar a ver.

No grito «Tôzai», ouço uma chamada, uma abertura. O evento que aí vem já está presente nesta chamada. O teatro como abertura e palpitação permanente.

*Tozai!...*, a peça de dança do mesmo nome, faz deste “anúncio” o seu tema.

*Tozai!...* foi pensado como um mil-folhas de aberturas, como um permanentemente desfolhar de cortinas.

Emmanuelle Huynh

### A dança do porvir

A dança do porvir deve ser procurada em múltiplas camadas.

Que dança permite que a dança surja?

Neste momento da nossa pesquisa, há uma figura que se destaca: o *Sambaso*.

O *Sambaso* é uma figura do porvir. Ainda no *Bunraku*, esta dança acontece antes da própria representação, à frente da cortina, para preparar a cena, enquanto o público entra e se instala e não presta necessariamente atenção à cena. São artistas em formação quem a executa.

O *Sambaso* é uma figura popular que limpa, afasta o que é nefasto, mas também prepara a cena, semeia para que desponte algo de novo. A sua

dança, muito dinâmica, é composta de estranhos saltos e responde, numa relação tensa, a um tamborim. É uma figura associada às forças do perpétuo recomeçar da vida.

No estúdio, comecei por trabalhar sobre esta gestualidade de preparação do espaço, sobre o seu corte muito geométrico e também sobre o ritmo vivo, agressivo, e a duração restrita que deve ter este “prólogo”.

Sucessivos *Sambaso* vêm ritmar a peça com as suas diferentes maneiras de interpretar esta dança que é, em si mesma, uma espécie de “Sagração”. Que dança está escondida, enrolada nas cortinas antes do espetáculo começar?

Nas dobras das cortinas persistem danças que não vimos, que não vimos bem, que ainda não chegaram, ou que não podemos ver.

Danças que, à sua maneira, celebram a sua própria aparição e também a sua recuperação.

Os nossos corpos revelá-las-ão, desenrolá-las-ão, inventá-las-ão, restaurá-las-ão.

Navegaremos entre banhos de história, anacronismo, e faremos surgir a nossa própria dança do devir. Tôzai!...

Emmanuelle Huynh





### Emmanuelle Huynh

Emmanuelle Huynh, bailarina, coreógrafa e professora, estudou dança e filosofia. No seu trabalho tem explorado a relação da dança com a literatura, a música, a luz, o *ikebana* (arte floral japonesa) e a arquitetura. Criou, entre outras, as peças, *Mùa* (1994), *A Vida Enorme* (2002), *Cribles* (2009), *Shinbai, le Vol de l'âme* (2009), *Tôzai!...* (2014). Na Culturgest, apresentou *Nothing to say about* (2000), no âmbito do programa de homenagem a Merce Cunningham e John Cage, e *Heroes* (2006). Entre 2004 e 2012, dirigiu o Centre national de danse contemporaine (CNDC), em Angers, onde refundou a escola e criou a formação «Essais», um Curso de Mestrado em Dança, Criação e Performance. Em fevereiro de 2016 criou, com Jocelyn Cottencin, na Passerelle Centre d'art contemporain, em Brest, o projeto *A taxi driver, an architect and the High*

*Line*, um retrato da vida na cidade de Nova Iorque através da sua arquitetura, dos seus espaços e dos seus habitantes, composto de filmes retratos e de uma performance. Atualmente está a preparar uma peça a partir de *Formation*, a obra autobiográfica de Pierre Guyotat. Entre 2014 e 2016, Emmanuelle Huynh foi Mestre-Assistente associada na École Nationale Supérieure d'Architecture de Nantes. Em junho de 2016 foi nomeada Professora no domínio da coreografia, da dança e da performance, na École nationale des beaux-arts de Paris.

### Pascal Quéneau

Pascal Quéneau, na sequência de uma formação em arte dramática com Blanche Salant no Centre Américain à Paris, trabalhou em teatro, cinema e televisão. Ao longo do tempo, o seu interesse pela dança foi-se desenvolvendo e tem colaborado com numerosos coreógrafos, entre os quais Boris Charmatz, Emmanuelle Huynh, Olivia Grandville, Anne Collet, Maguy Marin, Dominique Brun, Vera Mantero, Nathalie Collantes, Christian Rizzo, Cécile Proust, Lisa Nelson, Simone Forti, Julyen Hamilton e Le Quatuor Knust. Ao mesmo tempo que participa em numerosas performances em diferentes contextos e mantém há anos uma atividade pedagógica, Pascal Quéneau não tem parado de diversificar as suas atividades e de acompanhar projetos artísticos como colaborador na coreografia, no som, na conceção e organização ou no trabalho sobre a interpretação.

### Matthieu Doze

Matthieu Doze estudou dança com Joëlle Faure, em Marselha, no Merce Cunningham Studio, em Nova Iorque, e no segundo estágio de inserção profissional da companhia Bagouet, em Montpellier. Foi intérprete na criação de *necesso* e de *so schnell*, as duas últimas peças de Dominique Bagouet, e nas reposições de *Saut de l'ange*, *Les petites pièces de Berlin*, *Meublé sommairement*, e por fim em *ONE STORY, as in falling*, a peça que Trisha Brown realizou com os bailarinos da companhia Bagouet, em 1992. Sempre sobretudo intérprete, fez carreira com Daniel Larrieu, Olivia Grandville, Alain Buffard, le Quatuor Albrecht Knust, Loïc Touzé, Christian Rizzo, Emmanuelle Huynh, Fanny de Chaillé, Claudia Triozzi, entre outros. A partir de 1995, atento aos cruzamentos, coopera também com artistas plásticos, cineastas, encenadores, músicos e fotógrafos. Na sequência da apresentação, em 1996, na cave de um café em Tours, de *sous exposé, performance pour un danseur, deux assistants, et trois projecteurs super8*, o seu trabalho tem procurado projetar o corpo, os seus movimentos, os seus gestos, em espaços singulares, sempre carregados de atualidade, de poética e de política, através de performances, instalações, filmes e participações sonoras. Em 2009 foi assistente e intérprete de *The host and the cloud*, espetáculo ao vivo e filme de Pierre Huyghe. Em 2010 foi laureado da *Villa Kujoyama*, em Quioto. Em 2011 apresentou, em Paris (FRAC-Ile de France), *Je ne suis pas une acquisition*

récente. Em 2012 acompanhou, como assistente, o projeto *I am what I am*, de Magali Caillet.

Em 2013 e 2014 trabalha com a Cie. RAMA, como assistente, dramaturgo e designer de som de *En amour il faut toujours un perdant* e de *Un goût exquis. Tozai!...* é a sua quarta participação sonora no trabalho de Emmanuelle Huynh, depois de *Le grand dehors* (2007), *Shinbai, le vol de l'âme* (2009) e *Spiel* (2012).



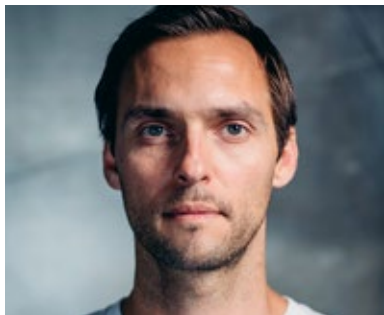
### Katerina Andreou

Katerina Andreou, depois de estudos de direito na Universidade de Atenas, formou-se em dança na Escola Superior de Dança de Atenas. Na Grécia, trabalhou com as companhias da dança Creo, Hellenic Dance Company e Iris Karayan e, desde 2010, cria os seus próprios projetos coreográficos, participando no 5.º concurso coreográfico No Ballet, na Alemanha. De 2011 a 2013, fez o curso de mestrado «Essais», no CNDC d'Angers, dirigido por Emmanuelle Huynh. Durante a formação, passou um período

no Transfabrik, Berlim, com os escritores e críticos Franz Anton Cramer e Yvonne Chapuis. No CNDC, concebeu três peças, *Manèges*, *Manèges vs Rbel fter m Heart* e *Sable*. O seu solo *Manèges* foi apresentado no Festival Critique, no CNDC d'Angers e no Festival Passage Recherche, em Weimar. O seu trabalho *A kind of fierce*, coproduzido pelo Athens and Epidaurus Festival, recebeu o Prix Jardin D'Europe 2016 do festival ImPulsTanz, em Viena.

### Jérôme Andrieu

Jérôme Andrieu, formado em dança contemporânea no CNSM de Paris, foi intérprete regular de Daniel Larrieu, participando, durante 13 anos, em todas as criações da companhia e na reposição de peças de repertório, como o emblemático *Waterproof* (que a Culturgest apresentou em 2007, na Piscina do Jamor, Estádio Nacional). Uma longa experiência liga-o a Mié Coquempot, cuja escrita coreográfica mantém uma ligação direta com a música contemporânea e também com as artes plásti-



cas, como testemunha a peça *Trace*, inspirada no movimento Gutai, que criaram juntos no Japão, por ocasião de uma residência na Villa Kujoyama, em Quioto. Destaca o trabalho com Herman Diephuis, que encontrou através de Mathilde Monnier, e que foca a atenção dos intérpretes em intensões quase teatrais, assim como com Fanny de Chaillé que, com algum humor, o fez primeiro fazer de manequim e depois de vítima de um tremor de terra!

Amador da montagem vídeo, realizou curtas-metragens como *Rewind*, *Sur-prise*, no âmbito de um projeto iniciado por Rachid Ouramdane, e *Démonstration*, para Stéphanie Aubin. Refletiu sobre a mutação e a uniformização dos corpos com Laure Bonicel, fez *mauvais genre* com Alain Buffard e *Cribles* com Emmanuelle Huynh. O seu encontro com Joanne Leighton começou por um jogo em torno do *cadavre exquis* e continuou em 2013 na forma de um solo. Atualmente acompanha o trabalho de Pauline Simon e está associado a Betty Tchomanga e Oriane Déchery numa peça a apresentar junto de edifícios em ruínas.

### Bryan Campbell

Bryan Campbell, artista coreográfico americano baseado em Paris, estudou na Tisch School of the Arts (Nova Iorque) e na Salzburg Experimental Academy of Dance (Áustria). A seguir foi convidado a participar no ex.e.r.ce 09/10 no CCN de Montpellier. Criou duas peças, *Research for the quadruped protagonist* e *QUADRUPED PROTAGONIST*, que

foram apresentadas pelo Théâtre de la Cité Internationale (Paris), l'Espace Bernard Glandier (Montpellier), GogolFest (Kiev), Movement Research (Nova Iorque), KUNSTKOMPLEX (Wuppertal) e Beursschouwburg (Bruxelas). Teve duas residências no PACT Zollverein (Essen), e uma residência de pesquisa, TanzRecherche, em Wuppertal, iniciada pelo NRW Kultursekretariat. Recentemente,



participou como intérprete em criações de David Wampach, Loïc Touzé, e Jana Unmüssig. Em 2014 criou *MARVELOUS*, um projeto de edição e performance.

### Volmir Cordeiro

Volmir Cordeiro nasceu em 1987 no Brasil. Diplomado em teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, fez o curso de mestrado «Essais», no CNDC d'Angers, dirigido por Emmanuelle Huynh. Dedicar-se, desde 2014, à criação em dança contemporânea. Trabalhou com os coreógrafos



© Fernanda Tafner

brasileiros Alejandro Ahmed (Grupo Cena 11), Cristina Moura, Naiá Delion e Renato Linhares e, de 2008 a 2011, foi intérprete da Lia Rodrigues Companhia de Danças. Criou, com Michel Reilhac e Amael Mavangouve, a coreografia *Rougi*, para o Bal Moderne 2012. O seu trabalho *Ciel* foi concebido e apresentado no CNDC d'Angers e no Festival Panorama de Dança, no Rio de Janeiro. Em 2015, criou o solo *Inês*.

### Madeleine Fournier

Madeleine Fournier, bailarina, intérprete e coreógrafa, formou-se em dança no Conservatoire National Régional de Paris e no CNDC d'Angers, sob direção de Emmanuelle Huynh, onde encontrou, entre outros, Isabelle Launay, Vera Mantero, Léa Gauthier e Ko Murobushi. Em 2006 foi bailarina estagiária na companhia DCA Philippe Decoufflé, para a criação de *Sombbrero*. Em 2010 recebeu uma bolsa DanceWEB, no âmbito do festival ImPulsTanz, em Viena. Desde 2007 tem colaborado com diversos coreógrafos e artistas visuais em França, na Alemanha e na Bélgica,

nomeadamente Odile Duboc (*Rien ne laisse présager de l'état de l'eau, Trois Boléros, Insurrection*), Anna Konjeztky (*Tagebuch*), Laure Bonicel (*Bad seeds*), Emmanuelle Huynh (*Cribles*), Fabrice Lambert (*Solaire, Faux Mouvement*), Sara Manente (*Faire un four*), Fanny de Chaillé e Philippe Ramette (*Passage à l'acte*), Loïc Touzé (*Ô Montagne*), Moser e Schwinger, Boris Achour. Desde 2008



que colabora com Jonas Chéreau num trabalho de pesquisa coreográfica, tendo criado juntos o dueto *Les interprètes ne sont pas à la hauteur*, apresentado em vários contextos (igreja, galeria, estúdio, teatro), e, recentemente, *sexe symbole (pour approfondir le sens du terme)*, apresentado no festival Artdanthé, em Vanves, em 2013. Prossegue estudos à distância de sociologia/etnologia na Universidade de Estrasburgo.

### Jocelyn Cottencin

Jocelyn Cottencin, após formação em arte e em arquitetura, interessou-se por diversos domínios das artes ditas aplica-

das – nomeadamente o design, a arquitetura e as artes gráficas. Considerando a tipografia como um material gráfico e plástico, tem-na experimentado de diversas formas: a *performance*, a intervenção no espaço público, a instalação, o desenho, o livro e o espaço cénico, como é o caso em *Vocabulário* (2007), realizado com Tiago Guedes, e *I Can't Believe The News Today*, realizado em Pau em 2009. Colabora há cerca de dez anos com Loïc Touzé, para quem concebeu o dispositivo cénico de várias peças, como *Love* (2003), *9* (2007), *La Chance* (2009, apresentado na Culturgest em 2015) e recentemente *Gomme* (2011) e *Ô Montagne* (2012). Em 2009 trabalhou com a coreógrafa Emmanuelle Huynh na criação de *Cribles*. Em 2010 participou no projeto *J'ai tout donné*, de Alain Michard, e organizou o centro de documentação do Centre Culturel Colombier, uma instalação envolvendo arquitetura e mobiliário. No âmbito do evento Estuaires à Nantes, criou *ECHOES*, uma instalação de luz, apresentada na Nuit Blanche, em Paris, em 2012. Em janeiro de 2013 inaugurou o projeto *1%* para o novo Auditório Mediateca no Kremlin Bicêtre, em cujo âmbito criou a instalação permanente *Red Squares*. Fundador, em 2001, de LieuxcommunsTM, uma plataforma de trabalho sobre o grafismo e a arte impressa, colabora com várias escolas francesas e estrangeiras e ensina desde 2005 na École Supérieure d'Art de Bretagne.

### Próximo espetáculo

## Mário Laginha Trio

Jazz Qua 19 de abril

Grande Auditório · 21h30 · Dur. aprox. 1h15 · M12



© Márcia Lessa

Como em concertos anteriores na Culturgest, Mário Laginha, desta vez com os seus companheiros de sempre, traz música nova, que depois irá gravar.

### Próximo espetáculo de dança

## Pão Rico de Vera Mantero

Dança Sex 26, sáb 27 de maio

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração aproximada: 45 min · M12



Quartiers - Léoni - Arnis - Ser... Algar... tudo é terra

Coprodução da Culturgest com a DeVIR/CAPa de uma nova criação de Vera Mantero para os Encontros do DeVIR, que continuam a debruçar-se sobre temáticas e problemáticas do Algarve, desta vez sobre a descaracterização do litoral algarvio.

Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

## Conselho de Administração

### Presidente

Álvaro do Nascimento

### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

### Assessores

#### Dança

Gil Mendo

#### Teatro

Francisco Frazão

#### Arte Contemporânea

Delfim Sardo

## Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

## Direção de Produção

Margarida Mota

## Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

## Exposições

### Coordenação de Produção

Mário Valente

### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

## Culturgest Porto

Susana Sameiro

## Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

## Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

## Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

## Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

## Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

## Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

## Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

## Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

## Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

## Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

## Técnico Auxiliar

Vasco Branco

## Frente de Casa

Rute Sousa

## Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

## Receção

Sofia Fernandes

## Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

## Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---